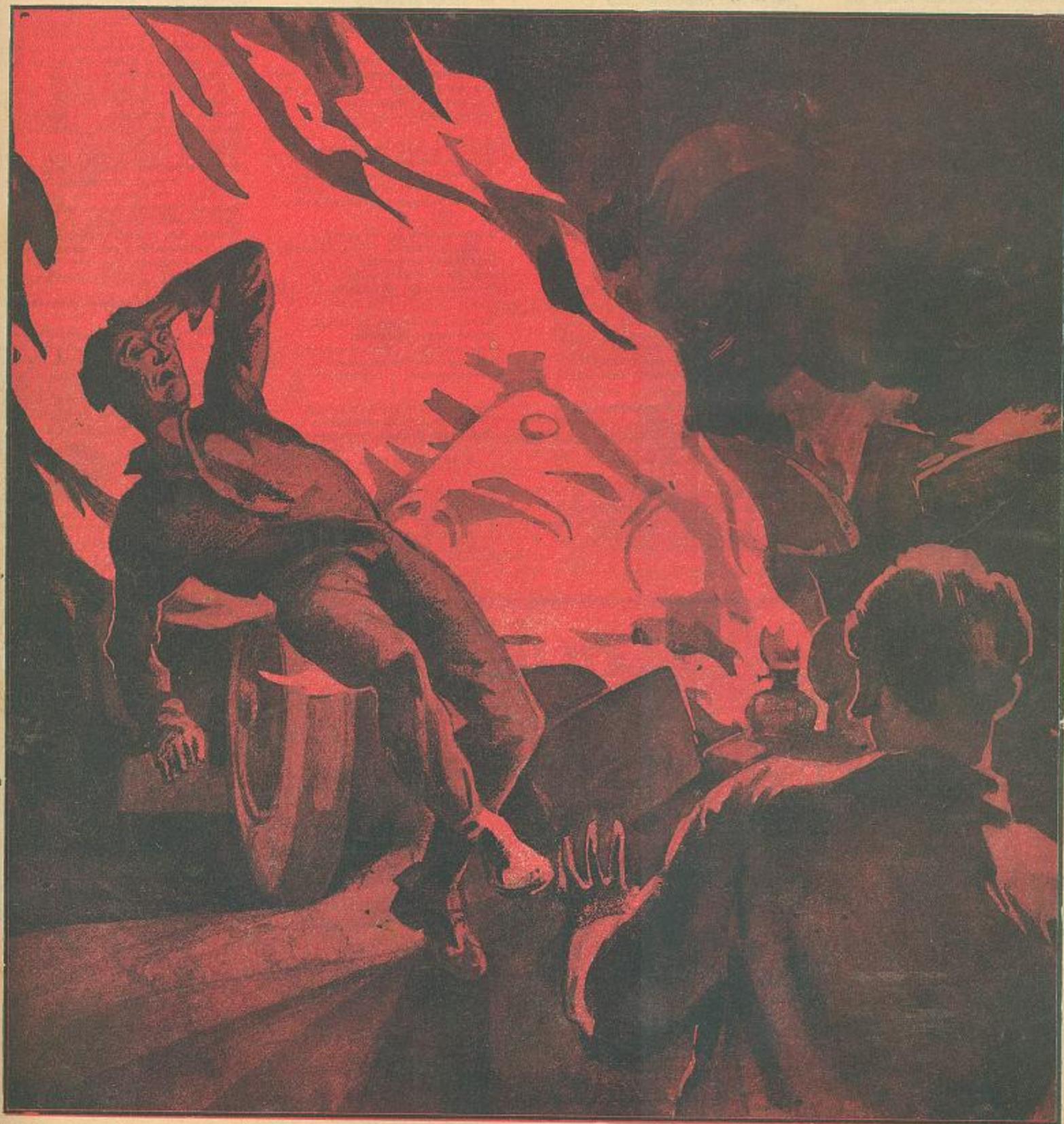
A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes
ANO II - NUMERO 89 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.

Um grande incendio

Na escola de aviação, em Alverca, uns pingos de gazolina incendeiam-se numa lanterna e pegam fogo a um dos edificios, destruindo-o totalmente. Prejuizos dum milhar de contos e algumas pessoas com tudo quanto era seu, perdido.

O DOMINGO ilustrado

ANO II N.º 89

LISBOA 26 DE SETEMBRO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ECOS

O Jardim da Estrela e os mosquitos

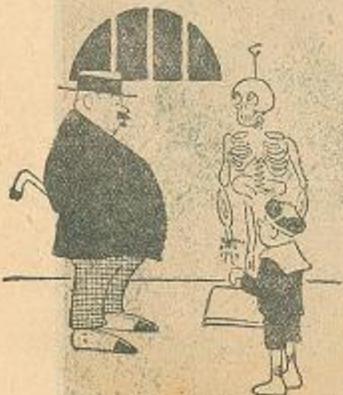
Esta nota é demasiado bairrista. Nada interessará a nossa vida á provincia onde o *Domingo* chega. No entanto será bom que o leitor provinciano vá sabendo que a vida em Lisboa está sendo insuportavel. Agora, com a falta de agua, o lindo jardim da Estrela não muda a que tem nos tanques. Resultado: os horriveis mosquitos que, mais do que em nenhum ano, infestam a cidade, e não nos deixam de noite e de dia.

Os mosquitos, as moscas e as formigas são tres grandes pragas.

Justamente a America propôz-se, por meio de brigadas sanitarias, faze-las desaparecer em cinco anos. O sr. Kendall deixou em seu testamento qualquer coisa como 25.000 contos portugueses para esse empreendimento.

Ás estradas e a gasolina

Segundo se diz, a Shell e a Vacuum, companhias ricas, de gasolina e oleos, propuzeram vantajosas empreitadas para o arranjo das estradas—o grande, o maximo problema português.

A C. P., idem. Idem uma companhia espanhola. Idem, idem, duas companhias portuguesas. E depois? Depois as estradas entrarão no inverno mais intransitaveis do que nunca. Lisboa-Sintra—a nossa sala de visitas do turismo—está um chavascal imundo. Pregunta-se: Porque se não resolve o problema, á bruta, á força, duma vez, num dia, cedendo a quem mais vantagens oferece, e olhando a que cada hora que passa sem estradas é uma hora de ruina e de descredito?

Má língua

NO CARAMULO

Foi numa alegre burricada
engalanada em pé de guerra
que em certa fresca madrugada
minha Aventura deslumbrada
subiu um dia áquela Serra.

Que vastidão! Que maravilha!
Em febre e em festa, o coração
entre mimosa e cevadilha
olhava alqueives côr de ervilha
e penedias côr de grão.

E fui subindo, e fui subindo,
por uma estrada em caracol...
E era tão grande, e era tão lindo,
que em cada folha reluzindo
bailava Deus e ria o Sol.

Villa de Rei ficou ao fundo,
passado o Campo de Besteiros;
em cada quarto de segundo,
baixando o céu, subia um mundo
que era primeiro entre os primeiros.

Depois Litrela, aninhadinha
num pedestal de serra brava;
—como num conto de avósinha
dormindo um somno de Rainha
sob os andrajos de uma escrava.

Por entre os sulcos dos penêdos
cahiam jorros a espumar
que entonteciam arvorêdos
numa frescura de segrêdos
da côr da tinta do luar...

E sobranceiras ao caminho,
de longe em longe, havia casas
que pela audacia do seu ninho
lembravam corpos de estorninho
que se esquecessem de ter azas.

Fomos subindo, mais e mais,
entre horizontes e verduras,
espicaçando os animaes
e ouvindo notas celestiaes
no batucar das ferraduras.

Cada gerico ia na estrada
como seguindo longas pistas
que não chegavam a dar nada;
(é a atitude «humanizada»
por prosadores futuristas...)

Diga no entanto em seu abono
quem na verdade preza e guarda
que nesse dia,—era no outomno...—
cada um de nós achou um throno
sobre a linhagem de uma albarda.

Porque entretanto, na subida,
—mais que subida! Uma Ascensão!—
a caravana embevecida
sentia a terra diminuida,
pois via-a toda, de Guardão...

No alto, as Parêdes. O Infinito
toca-se quasi com a mão...
Caramulinho... Em seu granito
talhou-se um seio pequenito
—e amamentou a Inspiração!

Chegando ao cimo, descançámos
do bom cançaço de admirar.
Mas tanto olhâmos, tanto olhâmos,
que quasi o ar que respirâmos
o respirâmos com o olhar.

Embora o Minho o leve a mal
e todo o Algarve fique fulo,
proclamarei:—Real! Real!
Só bem conhece Portugal
quem bem subir ao Caramulo!...

Parada de Gonta—Set.º—1926

TAÇO

NO SERTÃO D'AFRICA, contos tradicionais indigenas - por Manuel Kopke.

E' interessantissima esta colestanea de contos indigenas, em boa hora recolhidos na tradução oral pelo sr. Manuel Kopke. Nem por ter andado pelo sertão e convivido com os seus habitantes o sr. Manuel Kopke perdeu quaisquer dos predicados que o tornam um escritor de escrupulosa pureza linguistica e de excepcionais dotes de clareza e bom gôsto literario.

E' dificil dizer qual dos contos é mais movimentado e rico de conceito e de graça ingenua e primitiva. Todos são dignos duma leitura agradabilissima e proveitosa.

E' lamentavel que o livro do senhor Kopke passasse tão despercebido entre o «mare magnum» de publicações, na sua maioria muito inferiores, que enchem, quotidianamente, as mezas das redacções. Era da mais elementar justiça dar a esta obra um lugar distinto entre tantas brochuras êrmas de originalidade e de qualquer intenção simpatica e louvavel. Que o sr. Kopke se console com a ideia de que em cada um dos seus leitores terá um critico favoravel e amigo, em quem o silencio ou a indiferença dos criticos profissionais não fazem nem jamais farão a mais pequena mossa.

Tereza LEITÃO DE BARROS

em bicos de pés para dizer ao país que se deixa encher de ridiculo com esta jiga-joga do lugar no Conselho Permanente ou para censurar a leviandade com que o sar. Chamberlain, para nos consolar da perda da eleição, nos mostra os dominios britanicos até hoje excluidos do tal conselho—quasi só lhe faltando dizer: os *outros* dominios britanicos?

Como ninguem tomaria a serio a cronica com tal assunto, o melhor é não a fazer.

questão prévia

Há meia hora que, sobre um *ring* de papel branco, se batem perante mim, arbitro imparcial, a falta de assunto e a necessidade de escrever a crónica.

Em vão a falta de assunto se detem a respirar, de quando em quando, oferecendo alguns motivos de cronica, como o Outono, o regresso das praias, a Sociedade das Nações, mas a cada pifia sugestão destas a necessidade de escrever a cronica responde com pressões novas de ataque, que fazem suar a pobre falta de assunto.

Como arbitro não me é facil prever qual das contendoras, em definitivo, ficará vencida. Ambas são de muita força. Do desespero a que nos pode levar a falta de assunto já Eça de Queiroz nos falou, confessando ter desancado o «bey» de Tunis em certo artigo para o qual tinha menos assunto. Da necessidade de escrever a cronica nem se fala, sobretudo porque todos nós sabemos o que são necessidades.

Suponhamos que a necessidade de escrever aceitava da falta de assunto uma das sugestões apontadas. Por exemplo: o Outono.

Dizer Outono pôsto em cronica é dizer o redemoinho das folhas mortas no ambiente nostalgico dos parques, é falar das andorinhas que debandam, dos jovens de ambos os sexos que cuspinham sangue á hora rubra do poente, enfim, toda a fancaria romantica propria da estação.

Ora a verdade é que na consciencia dum cronista que se preza pesam, pelo menos, cinco ou seis cronicas outonais, todas bordadas a tons amarelos e ensopadas de humidade e tristeza. O Outono é um limão espremido e sêco de que nem mesmo uma casquinha se aproveita para acompanhar um capilé, e viradas do avêsso as velhas cronicas do Outono mostram o antigo direito, porque já tinham sido viradas antes de servir, na ultima vez.

O regresso das praias é outro assunto falhado. Se o tomarmos humoristicamente, vamos cair fatalmente na receita do estilo: a familia depenada pela rolêta, as pequenas por casar, o chefe de familia coçando a cabeça e o resto da tribu a coçar a brotoeja das melgas. Se a serio quizermos tratar o regresso das praias, caimos na pieguice romantica e amelaçada dos amores oloidados e suspirosos.

Assunto com ponta por onde se lhe pegasse só o da Sociedade das Nações. Mas tomaria alguem a sério esta cronica se ela se puzesse

O' tu que fumas dá um cigarro para os velhinhos...

HISTORIA NATURAL

—Como vês, filho, neste tempo ainda se não tinha inventado a pele...

ENTRE CIRURGIÕES

—Então como está o doente a quem o colega cortou as duas pernas?
—Muito bem. Qualquer dia está a pé.

HUMORISMO

NOVELAS DA MINHA VIDA

EMOCIONANTES EPISODIOS DE XISTO JUNIOR. LEIA E ACREDITE, SE FÔR CAPAZ DE TANTO

VARIADISSIMAS e numerosas pessoas se me teem dirigido por cartas, postais e telegramas, com ou sem fios, a perguntar a razão por que, sendo eu colaborador do «Domingo» e um dos mais conceituados escritores da nossa praça, ainda não produzi, na respectiva pagina, uma «novela da minha vida».

As razões da minha abstenção teem sido varias e todas de pêso, a começar logicamente pela primeira. E' que eu ainda não fui convidado a escrever a novela e lá diz o proverbio: «Novela ou romance complicado não escrevas sem ser convidado.»

Nestas circunstancias, tenho-me conservado calado, mas não posso conter por mais tempo a minha vaidade, irritada pelo desprimor que representa a falta de convite e, desprezando a pagina propria, resolvo despejar aqui não uma, o que seria indigno da minha categoria, mas pelo menos duas novelas da minha vida.

TRAGEDIA BOSFÓRICA

Uma tarde, em Constantinopla, estava eu bastante aborrecido e encostado á porta da Havaneza, quando me aparece o meu amigo El-Vino Zahr-Kham, o brilhante jornalista que é redactor principal do *Heraldo de Stambul e Pêra*. Palavra puxa palavra, combinamos ir dar uma volta pela margem do Bósforo, a ver os olhos das pequenas, já que a lei do profeta impedia, ao tempo, que elas mostrassem mais qualquer coisa em publico.

A tarde estava amenissima e a agua tão serena e lisa que o Bósforo parecia mesmo um Bósforo de cêra.

Tanta doçura atraiu-nos para um passeio de bote e Zahr-Kham, que foi durante tres anos campeão de remo, em breve e em seis remadas valentes poz o barco na outra margem.

Mas, ah!—como diz o poeta—nem tudo que luz é ouro e ha mais marés que marinheiros. Iamos costeando uma florescente plantação de cigarros Abdulla, quando de subito se levanta um vento tão violento que apagou alguns dos cigarros que ardiam secamente por conta do lavrador. De todos os outros barcos subiam gritos de terror e angustia, brados de «Alah!» «Alah!». Gritei tambem para o meu companheiro:

—Alah, Alah... que se faz tarde

Lutando desesperadamente contra o vento e a vaga alterosa, iamos a alcançar a outra margem, quando vimos um barco virar-se e com ele mergulhar nas aguas uma trouxa de roupas e veus, que o meu companheiro afirmava ser uma mulher em carne e osso. Atiradiço como sou, atirei-me logo á agua. Nado, mergulho, flutuo, torno a mergulhar... Ah, enfim, salva! Em terra exponho o fardo de roupas encharcadas, dentro do qual havia uma mulher turca.

Foi a primeira vez que apanhei uma turca com agua, mas confesso-lhes que não torno a apanhar outra. Quando solicitamente a voltavamos de bruços, a fim de que ela vomitasse toda a massa bosfórica de agua que engulira, um policia, daqueles que na Turquia se chamavam janizaros á paisana, põe-me a mão no ombro e leva-me preso.

Metido num imundo calabouço, soube ao fim de tres dias qual era o crime de que me acusavam e que era dos mais graves e dos de maior punição da lei turca. Pesava sobre mim a responsabilidade de ter salvo uma das 1573 sopas do sultão, delito a que corresponde pena maxima. Julgado e condenado, fui atirado ao Bósforo fatal, dentro dum saco de coiro, não sei se em memoria da roupa salva.

Felizmente, o fornecedor de sacos penais intrujava o Estado turco, fornecendo-lhe sacos de papel em vez de envolucros de coiro. Na agua o saco desfez-se e eu consegui alcançar a nado ao costas da Asia Menor, onde pouco me demorei, para não ser acusado de estar ás cavalitas numa criança.

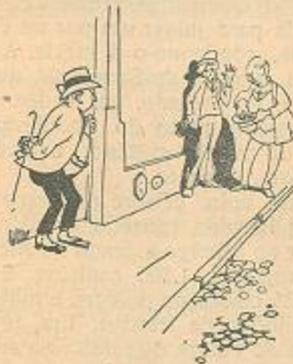
O MOÇO DOS OLHOS DE ABSINTO

A' hora tresnoitada do Jazz, quando os *shimmys* pernoitam na calidez morbida dos saxofones e as *jazz-flirts* soltam gritos pavidos de parturientes nostalgicas, aquele moço de olhos de absinto e cabelos côr de margarina (que dirieis Gautier) vinha sentar-se, sempre á mesma mêsa, no salão côr de pitospóro e jade do «Moctambul-Club», de Sant'Antão Street.

Quem era ele? Que dôr o pungia, que um rictus de inovidavel sofrer se lhe imprimia na boca fina, como um golpe de bisturi no seio pequenino duma Finê de porcelana de Sevres?

Assim me interrogava eu a mim mesmo, numa auto-policia de investigação, uma noite em que, pela vigesima vez, via o moço de olhos de absinto pedir a sua costumada ceia de lulas grelhadas e champagne *frapé*.

As mais robustas frequentadoras do «Noctambul-Club» lutavam entre si pela posse daquele mancebo, que diariamente todas as noites (como dizia o outro) gastava para cima de vinte e cinco escudos só em salsa com sifão e outras bebidas enervantes. Mas ele, indiferente e sorrindo, com aquele sorriso doloroso de quem tem um queixal furado mas quere mostrar-se agradavel, a todas acolhia, repelindo-as a todas.

A loura e simpatica Jenny, que todos conhecemos como Maria da «Purificação» a encerar sobrados nas Avenidas Novas, garantia que o que aquele moço triste tinha era a solitaria. Mas a isto opunha a linda Margot (a Zabel, «uma sua creada», que foi cosinheira) que o rapaz ou tinha «esprito» no corpo ou tomava da «cóca.»

Nessa noite não pude refrear mais a minha curiosidade, que ardia como a chama azul, triste, dum fogareiro de petroleo.

Oh, certamente esse moço de olhar de absinto e cabelos côr de manteiga meio sal entregava-se ao culto vesgo e febril dos estrope-pacientes. Em que paraiso chinez iria ele, quando a madrugada rompia, fumar o opio que embriaga e adormece? Onde iria ele meter o nariz na cocaina dos seus desejos?

Esperei pacientemente que ele acabasse a sua lula grelhada e quando o vi dirigir-se para a porta comecei a segui-lo, fiz-me a sua propria sombra.

A rua era deserta. O silencio ouvia-se por toda a parte. O moço de olhar de absinto caminhava dez passos á minha frente. Subito, do escuro dum portal avançou um vulto de homem. O moço parou, o vulto chegou-se á fala. Eu, discretamente, ocultei-me com uma ombreira, que nestes casos está sempre a geito.

Entre o moço de olhos de absinto e o vulto travou-se dialogo. Até aos meus ouvidos chegavam palavras soltas. E o mancebo dizia, cançado e lento:

—Não... não... não posso deixa-la... Dá-me uns sonhos deliciosos!

O vulto tirou o chapeu de côco e de dentro do chapeu sacou, com precaução, um papel dobrado.

Não me restaram duvidas: tratava-se de cocaina, extraida do côco, ali, á minha vista.

O moço de olhos de absinto pareceu hesitar, estendeu a mão para o papel, mas repeliu-o bruscamente e começou a correr.

O vulto seguiu-o, trôpegamente, procurando convencê-lo:

— Tome lá, tome... depois me paga.

Mas o moço de olhos de absinto já ia longe.

Indignado, avancei sobre o vulto, de bengala no ar:

— Miseravel! Largue para cá esse veneno! — e arrebatei-lhe das mãos o papel.

O homen tremia, livido. Desembrulhei sofegamente o papel. Não tinha nada dentro. Era uma conta, que soletrei a custo:

Duas garrafas de vinho Colares a 3000 réis cada uma......... 7$500

—E a cocaina, onde está?—perguntei.

— Quem?

— A cocaina, que dá tão bons sonhos a um moço?!...

—Ah!—disse o homem, como quem sai dum equivoco. — Essa está lá em casa: é a minha mulher.

— Como? O quê?

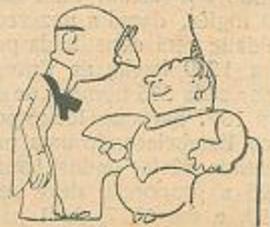
— Não vê o senhor que nós temos uma pensão. A's quintas e domingos ha sonhos ao jantar. Este rapaz come lá na pensão, mas como se esquece de pagar eu venho espera-lo á saida do club, a vêr se ele ganhou á batota.

...E nunca mais vi, á hora tresnoitada do Jazz, o mancêbo de olhos de absinto e cabelos côr de margarina, de margarina tão palida que o dirieis Gautier.

XISTO JUNIOR

TRABALHO DE CABEÇA

—O trabalho do amigo tambem é todo de cabeça? E' um literato tambem, não?
—Não senhor, sou cabeleireiro.

AS SOGRAS...

—O sr. tem coragem de se casar com minha filha mesmo sem dote?
—Naturalmente..
—Então vá-se embora, por que não quero imbecis na familia!

CIFRAS ESPANTOSAS

O edificio mais caro de Nova-York é o da companhia de seguros «Equitable», que custou trinta e um milhões de dolares, ou seja, 620 mil contos, aproximadamente.

O hotel mais custoso é o Waldorf, cuja edificação importou em doze milhões e meio da dolares, ou seja, 250 mil contos.

O teatro mais dispendioso foi o Metropolitan Opera, gastando-se na sua construção quatro milhões e trezentos e cincoenta mil dolares, ou 87 mil contos, aproximadamente.

A ÁGUA MAIS PURA

Nunca se pode dizer que uma água é absolutemente pura. Mesmo quando é filtrada, contêm gases, matérias minerais e micróbios. No entanto, a água mais pura que se conhece é a dum rio da Suécia, o Loka, no qual só se encontram 8 miligramas de matéria mineral em cada litro. As águas das fontes, rios e lagos teem, geralmente, muitos corpos estranhos. As águas da chuva, quando destiladas, seriam das melhores para consumo. Mas para se poder beber uma água menos viciada, o melhor é fazê-la ferver durante uns doze minutos, pelo menos. A ebulição que dure menos de doze minutos é quasi inutil.

A CURA DA MIOPIA

O professor d'Arsonval apresentou recentemente á Academia das Sciências de Paris um pequeno e simplicissimo aparelho, inventado pelo doutor Roger d'Assan e tendente a dar aos miopes uma visão normal, sem o auxilio de qualquer lente. O emprêgo dos oculos é substituido por uma ginástica ocular, verdadeira maçagem dos olhos, que tem por fim restituir á esclerótica tôda a sua elasticidade e torná-la capaz de resistir á pressão que sôbre ela exercem certos musculos exteriores. O aparelho é destinado a essas maçagens. O paciente tem-no aplicado durante dez minutos; depois, está dez minutos num quarto ás escuras e só volta á luz, gradualmente. As melhoras não são logo sensiveis, mas variam segundo o grau de miopia, a idade e o estado de saude do paciente.

ESTATISTICA ATERRADORA

Segundo um cálculo dum sábio estatistico inglês, daqui a trez seculos a Humanidade será constituida por loucos. Em 1859 havia, na Europa um louco por cada 535 homens de espirito são; em 1897 havia um louco por cada 312 sãos. Estabelecendo uma progressão baseada nêstes dados, temos que em 1926 a proporção deve ser de 1 para 150, e em 1977, de 1 para 100. Dentro de 213 anos, no ano de 2139, só haverá doidos. Não se pode dizer que seja uma perspectiva risonha. Mas quem lá chegar que se arranje!

SOLDADOS JUIZES

O recente pronunciamento militar em Espanha, com as suas consequentes sanções legais, com os processos sumários duma justiça militar rigida e inflexivel, que condenou á morte um general, veiu acordar o eco adormecido de grandes dramas em que interveiu essa mesma justiça, exercida por soldados contra soldados.

Recordemos quatro dos mais retumbantes processos do século XIX, talvez os que mantiveram a Europa em mais angustiosa espectativa. Esses quatro processos foram julgados por tribunais militares e foram seus protagonistas um principe de sangue, dois marechais de França e um capitão do Estado-Maior.

O primeiro em data foi o duque de Enghien, o último dos Condés, fusilado em Vincennes, aos trinta e dois anos de idade, acusado de ter pegado em armas contra a republica e de estar a soldo da Inglaterra para conspirar, por conta desta potência, contra a segurança interior e exterior da republica. Era então primeiro consul Napoleão e a morte do duque foi a primeira medida de energia e feroz repressão que o futuro imperador resolveu tomar depois do atentado contra a sua vida, realizado por Jorge Cadondal, autor duma «maquina infernal», a antepassada das bombas hoje tão usadas em casos semelhantes. Tudo indica que o duque dc Enghien estava inocente. O seu processo é o mais sumário possivel; é mesmo horrivelmente sumário. O conselheiro real que chegou a Vincennes para averiguar as culpas do prisioneiro encontrou já tudo liquidado. O oficio que o esperava á sua chegada é dum laconismo ultra-eloqüente: «*Vincennes, 30 ventose, ano XII da Republica—Harel, chefe de batalhão, comandante de armas, ao conselheiro de Estado Real, encarregado da instrução e seguimento de todos os assuntos relativos á tranquilidade e segurança interior da Republica.—Cidadão conselheiro—Tenho a honra de lhe participar que o individuo que chegou a 29 do corrente, ao castelo de Vincennes, ás cinco horas e meia da noite, foi julgado, no decurso da mesma noite, por um tribunal militar, sendo fuzilado ás três horas da manhã e enterrado na praça que tenho a honra de comandar. Tenho a honra de saudar-vos com o mais profundo respeito.*» O «individuo» era Luis António Henrique de Bourbon, duque de Enghien, a quem foi negado um padre para se confessar durante a noite sinistra, depois dum julgamento em que não houve testemunhas nem defensor e cuja assistência era constituida por alguns soldados da guarnição. Antes de morrer, apenas o deixaram mandar um recado *verbal* (que murmurou ao ouvido dum oficial), uma madeixa de cabelo, uma aliança de oiro e uma carta que já trazia escrita, á condessa de Rohan-Rochefort.

Outro processo célebre foi o do marechal Ney, acusado de, em vez de cumprir as ordens do seu rei, Luis XVIII, quando êste o encarregou de deter a marcha triunfal de Napoleão, vindo da ilha de Elba,—ter incitado as tropas sob o seu comando a aderirem ao partido do imperador. Depois dos Cem Dias, quando Napoleão foi definitivamente vencido e Luis XVIII, evadido na Belgica, regressou a Paris, o marechal pagou caro a aparente instabilidade das suas convicções politicas. A 8 de novembro de 1815, aniversario da tomada de Magdeburgo pelo marechal Ney, reuniu o conselho de guerra encarregado de julgar o companheiro das victórias de Napoleão. O conselho declarou-se impotente para julgar um par de França, mas a Câmara Alta, pouco depois convocada, condenou-o á morte. A 6 de dezembro de 1815, Miguel Ney, um pequeno tanoeiro de Sarrelonis, que aos 46 anos era marechal, principe e par de França, foi fusilado, por ordem de Luis XVIII, no local onde hoje se ergue a sua estátua perto do «boulevard» de Port Royal. Foi êle que comandou o fogo do pelotão executor, batendo no peito, erguendo o chapeu e exclamando: «*Soldats! Tirez lá!*»

Em outro célebre processo militar intervem tambem um marechal, o marechal Bazaine, acusado de, durante a guerra franco-pussiana de 1870, ter entregue ao inimigo a praça de Metz, vendendo-se com os seus 170 000 homens, 53 bandeiras, 1.665 canhões, 8.922 carros de munições, 3.239.225 projecteis, 419.825 quilos de polvora e milhões de cartuchos e armas, tudo num valor de 36 milhões de francos. Era acusado de se ter vendido sem esgotar os bons meios de defeza que tinha ao seu alcance. A sua folha de serviços era brilhantissima, entrara em 67 campanhas, mas a sua rendição cobrira de oprobrio o exército francês, provocando a humilhação e o vexame de milhares de oficiais, na hora tragica da rendição de Metz, em que alguns até se suicidaram. Condenado á morte pelo tribunal militar presidido pelo duque d'Aumale, o presidente Mac-Mahon reduziu-lhe a pena a vinte anos de prisão. Não chegou, porem, a estar um ano prêso, porque se evadiu, vindo a falecer em Espanha, no meio do desprêso universal, merecido ou não.

O último grande processo militar do século foi o do capitão Alfredo Dreyfus, oficial do estado maior, acusado de ter entregue a uma potência inimiga, em tempo de paz, documentos que interessavam á defeza nacional. Condenado por conselho de guerra a prisão perpetua na Ilha do Diabo, foi novamente julgado (graças ao infatigável interesse dos seus amigos, alguns dos maiores intelectuais franceses). Cinco anos depois, em setembro de 1899, é condenado apenas a dez anos de prisão, atendendo ao seu precário estado de saude—motivado pelos sofrimentos—e a certas obscuridades do processo. Apelando para o Supremo Tribunal, o processo foi revisto sete anos depois, pela segunda vez, e o resultado foi a absolvição de Dreyfus, reintegrado em tôdas as suas honras e funções militares e alvo de tôdas as homenagens oficiais, tendentes a atenuar um pouco a grave injustiça de que fôra vitima.

A CONDENAÇÃO DE JESUS CRISTO

O semanário francês «*Eve*» publicou a transcrição do mais importante documento judicial que se tem registado nos anais da Humanidade. E' a condenação á morte de Jesus Cristo. «Sentença ditada por Poncios Pilatos, governador geral da baixa Galiléa, mandando que Jesus de Nazareth sofra o suplício da Cruz, no ano dezassete do império de Tibério-Cesar, e no vigésimo quinto dia do mês de Março, na cidade santa de Jerusalem.

«Poncio Pilatos, governador da baixa Galiléa, sentado na cadeira presidencial do pretório, condena Jesus de Nazareth a morrer numa cruz, entre dois ladrões, em vista dos francos e notórios testemunhos do povo, que dizem:

«Primeiro. Jesus é seductor.
«Segundo. E' sedicioso.
«Terceiro. E' inimigo da lei.
«Quarto. Intitula-se falsamente Filho de Deus.
«Quinto. Intitula-se falsamente Rei de Israel.
«Sexto. Entrou no templo, seguido por uma multidão que levava palmas.

«Ordena a Quirinus Cornelius, primeiro centurião, que o conduza ao lugar do suplicio.

«Proibe a tôdas as pessoas, pobres ou ricas, que impeçam a morte de Jesus.

«As testemunhas que assinaram a sentença contra Jesus são:

«Primeiro. Daniel Robani, fariseu.
«Segundo. Joannas Zorobatel.
«Terceiro. Joseph Robani
«Quarto. Capet, homem público.

«Jesus sairá da vila de Jerusalem pela porta de «Itruenée.»

Esta sentença estava gravada numa lâmina de bronze. Foi encontrada num vaso antigo de marmore branco, quando se fizeram escavações na vila de Aguila, no reino de Nápoles, em 1820, tendo sido descoberta pelos membros da comissão artistica que seguia os exercitos franceses, na expedição a Napoles. Estava na sacristia dos Cartuxos, perto de Nápoles, encerrada numa caixa de ébano. A tradução foi feita pelos membros da comissão; o original era em hebreu. Os Cartuxos conseguiram que se lhes deixasse a lâmina, graças aos grandes sacrificios que fizeram pelos exercitos franceses.

A MAIS ALTA CASA DO MUNDO

Existe em Nova-York um predio que tem 174 metros de altura, quarenta andares e três pavimentos subterrâneos.

O predio ocupa todo o lado duma rua e a sua superficie atinge 16 000 metros quadrados. E' servido por trinta e dois ascensores. O preço da construção tinha sido calculado em 20 milhões de dolares, ou seja, aproximadamente, 400 mil contos, mas vem a atingir uma quantia bastante superior.

O DOMINGO ilustrado

TEATROS

Artistas portuguezes no Brazil

A verdade que nunca se disse—A miragem enganosa—A triste realidade.

O artista portuguez que se deixa ficar no Brazil, aturdido pelo contracto da ocasião, enganado na certeza de ser melhor do que todos os que lá estão, convencido de que um triunfo breve e facil lhe fará tirar o pé do atoleiro da vida, morre artisticamente.

Esta tremenda verdade, que ainda não foi dita, tem sido escondida criminosamente na imbecil vaidade da gente de teatro.

E porque morre o artista que fica no Brazil? Porque não tem condições de vida? Não. Porque o meio teatral no Brazil é totalmente diferente do de Lisboa.

Já dissemos que o brazileiro não gosta de teatro, por isso a arte dramatica brazileira não tem aquela vitalidade que seria de esperar em um paiz opulentamente rico. Como no Rio de Janeiro não se sustentam dois teatros por epoca, os artistas recorrem ás «tournées», «mambembes», como os alcunharam, e vão de Estado em Estado, arrastando um teatro falhado, a contas com uma miseria de vida que causa pena. Prontamente a miragem do triunfo facil se esvae. A colonia portugueza (unica que frequenta o teatro no Brazil), desde que vê um artista portuguez numa companhia nacional, considera-o «mambembe» na disponibilidade, deixa de ter por ele a simpatia que mostrava quando o mesmo artista representava em conjunto com artistas portuguezes.

Acresce que os artistas brazileiros, como é humano e logico, defendem-se, não teem, como é natural, grande simpatia pelos intrusos e dizem com uma certa logica:

—Este que cá ficou é porque não tem logar nos teatros da sua terra!

Ao fim de seis mezes, o artista portuguez, que a principio julgou que não lhe faltariam os contractos, vê que se enganou. Os dias passam, as explorações duram semanas, a conta da pensão vae crescendo e então, lá surge o inevitavel beneficio, expressão maxima da decadencia artistica no Brazil, beneficio que tem o apodo de «cavação» e que é olhado por todos como um danado flagelo que os portuguezes levam ás terras de Santa Cruz.

Está completamente desmoralisado. Procura regressar á Patria, mas tem vergonha «de ir com as mãos a abanar», teme os comentarios dos camaradas, a troça ás suas ilusões e então por lá fica, arrastando uma vida extranha, extrangeiro para os seus colegas brazileiros, extrangeiro para os seus colegas portuguezes que lá vão em «tournée».

E assim é que por lá se arrastam artistas que em Portugal poderiam ter o seu logar, mas que as luzes do Rio deslumbraram de momento, envolvendo-os na enganosa miragem. Eles por lá andam, matando saudades nas companhias portuguezas, rogando logares nos elencos que d'aqui vão, mentindo a si proprios, e muitas vezes, rogando cinco mil réis para uma refeição apertada.

Mas, dir-se-ha, existem tambem no Rio de Janeiro artistas portuguezes em logar de destaque. Ninguem se iluda. Se realmente ha no Brazil algumas actrizes que teem casa e figuram como «estrelas» de companhias efemeras, não foi o publico que as guindou. Mas d'essas mesmos se se contarem trez, teremos a conta certa...

Rio de Janeiro, Agosto de 1926.

HENRIQUE ROLDÃO

momento teatral

Laura Costa

Laura Costa, uma das nossas maiores «vedetas» de revista está de novo entre nós. Apenas chegada, para apagar as saudades do publico lisboeta, já está ensaiando. O seu sorriso lindo, como disse Paulo de Magalhães no «Patria» do Rio, voltará breve a iluminar a scena portugueza.

Henrique Roldão

Henrique Roldão, querido amigo e nosso colaborador, volta hoje a ocupar o seu lugar neste jornal. O nosso chefe de redação trouxe do Brazil bastas piadas que espalhará pelos proximos numeros. Sobre teatros tambem tem muito que dizer, pelo que lá viu e... ouviu.

O novo comissario do governo junto do Teatro Nacional

JOSÉ SARMENTO

O ilustre jornalista José Sarmento acaba de entrar na efectividade do cargo de comissario do governo junto do Teatro Nacional. E' um lugar dificil, mas de certo a competencia e o senso critico do experimentado e culto homem de teatro hão de vencer os atritos que possa encontrar.

Na epoca precaria que atravessa a nossa scena nacional, José Sarmento não poderá erguer aquela casa de espectaculos ao nivel a que o seu prestigio no teatro e na Imprensa a poderia erguer, noutra ocasião.

Esperamos no entanto da sua acção muito de proveitoso á Casa de Garrett. E'-nos grato registar que é um jornalista profissional a pessoa escolhida para o elevado cargo de que José Sarmento foi investido.

NO PROXIMO NUMERO

As revistas brazileiras

CRONICA

POR

HENRIQUE ROLDÃO

CARTAS DE UM COMEDIANTE

O SOFRIMENTO DO PALCO

Do palco para a plateia ha a distancia de uma enorme ilusão. Nem o artista vê o publicò nem o publico sente o artista.

O artista encara as cem cabeças do publico como se encarasse uma só pessoa. Os espectadores é que no artista véem a multidão, a multidão dos seus semelhantes com mil e uma aparencias. A alma, a individualidade do artista tem que desaparecer sob a estructura do papel que representa. E por melhor que seja o «senhor espectador», para ele o artista é sempre um boneco dotado de uma maquinaria admiravel. Fa-lo-ha rir; fa-lo ha chorar; a serio ou não; o seu trabalho é sempre «ficção, Teatro....

... Qual o espectador que se dáao capricho de perscrutar a alma do artista anonymo que o enterneceu, que o fez rir?!

E quantas vezes são as personalisações do artista que lhe traçam o perfil, cá fóra, hombro a hombro com o espectador que na vespera o foi aplaudir ao teatro?

E dali, quanto engano, quanta ilusão!

Ha poucos dias apareceu no Foz, um artista, Rodrik, que se denomimava "o homem que brinca com a electricidade".

Esse artista já lá vae a caminho de Hespanha e da França com o numero de «Variedades» que inventou. Evidentemente que «brincar« com a electricidade no palco do Foz, esse homem possuia certas qualidades de resistencia que lhe permitiam suportar altas descargas sem estar munido de isoladores, o que era visivel. Trabalho muito interessante, de resto, que deliciava o publico e que deixava o artista arrazado.

Rodrik, ao terminar o seu numero, saía de scena extenuado, tonto, sendo preciso um prolongado repouso para poder entregar-se de novo ás suas ocupações.

Para o publico, porém, Rodrik era o homem que »brincava» com a electricidade.

Havia grupos que discutiam apaixonadamente a proeza de Rodrik.

Não passava de um «truc»... Era opinião geral. «Truc» muito bem feito mas um «truc», embora alguns mais curiosos e descrentes tivessem apanhado choques fortissimos de que Rodrick era o conductor.

Por quatro vezes no Foz, Rodrik sofreu desastre de certa gravidade, ou por trabalhar mais do que o tempo que lhe era permitido ou por qualquer distração sua. O sofrimento de Rodrik era patente, era visivel...

... Mas o publico deliciava-se e aplaudia: Se ele era o homem que «brincava« com a electricidade...

CARLOS ABREU

Nacional — Companhia Stichini-Azevedo. A peça de grande sucesso «Se eu quizesse...»

Eden — O «Cabaz de Morangos»; grande sucesso.

Gymnasio — «Bombon», ccom Adelina Abranches.

Variedades — A revista degrande sucess O «Pó d'Arroz.

O DOMINGO Illustrado

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

RECORDAR... Recordar quando da aventura não fica uma carta, nem a madeixa de cabelo dos romanticos, nem essa rosa cujas petalas mortas se convertem em motivo lirico, sob a poesia da saudade... Recordar quando da aventura só ficou a visão duns labios vermelhos, dum corpo esguio e duma alma singular, volvida para uma vida errante—para uma vida livre... Recordar quando do ausente nada mais existe do que a sua imagem e o sabor nunca perdido dum beijo dado sob o sol tropical... Recordar assim é subtilisar a melancolia de toda a recordação—é perseguir um fantasma que não deixa pegadas, mas que por isso mesmo é mais belo, quando dele nos separam o Atlantico e os anos...

Sonho da minha adolescencia que se encarnou num corpo moreno, languido, inolvidavel, um corpo que eu sacrifiquei sobre as azas da nostalgia

* * *

Foi em Junho de 1919. Chegara nessa manhã do Rio de Janeiro, para matar ali, nas praias de Santos, a neurastenia creada sob longa espera do vapor que me havia de conduzir á Europa. Os sul-americanos, a quem a guerra detivera no outro continente, mal ela acabara, rumaram ao velho mundo, esgotando as lotações de todos os navios. E eu, para adquirir com quatro meses de antecedencia uma passagem no «Desna», tive de me socorrer das minhas relações pessoaes.

Eram cento e vinte e dois longos dias que eu vinha tentar ludibriar, quando nessa manhã de sol me hospedei no Hotel America.

Era quasi a hora do almoço. Tive tempo apenas de tirar das malas os objectos de *toilette* e de fazer uma ligeira correcção ao vestuario e ao cabelo.

Quando cheguei á sala das refeições e me sentei, vi numa mesa proxima da minha duas raparigas—uma de rosto timido, afavel, terno; outra de perfil raro, exquisita—tipo de mulher cosmopolita, tipo das minhas futuras novelas...

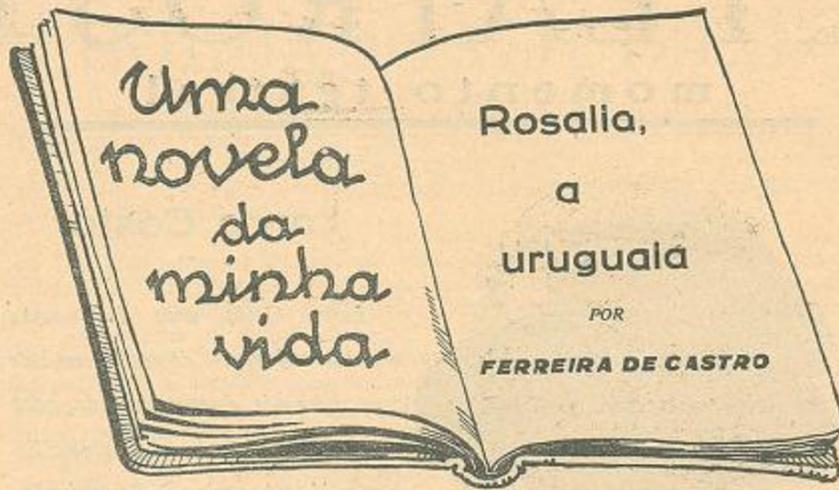
Do meu logar via-lhe as pernas cruzadas—via-lhas até ao joelho. Eram umas pernas de *cocotte;* pernas atrevidas, que me levaram a olhar aquela mulher com um olhar sem veus, um olhar cheio de reticencias...

Não me recorda como decorreu o almoço; sei que quando saimos d'ali entre nós já se cruzavam, subtilmente, as setas do *flirt.*

A' noite jantei com alguns meus camaradas de Santos num *restaurant;* ofereceram-me depois um copo d'agua no Centro Republicano Português e só tarde, mui tarde, regressei ao Hotel.

E por isso, só voltei a ver as duas mulheres no dia seguinte—á hora do almoço. O *flirt* continuou, mas, a certa altura, o creado é chamado por uma creada e quando regressa diz qualquer coisa, que eu não ouço, ás duas mulheres.

Elas trocam um olhar, noto que empalidecem e que o almoço agora é feito com nervosismo.

Levantam-se antes de mim e desaparecem na porta envidraçada...

Quando cheguei ao salão de leitura, ouvi uma voz dizer em castelhano:

Excusa-me hija mia! Excusa-me...

A um canto as duas raparigas e um homem—um homem que tinha entre as suas as mãos daquela que desde a vespera interceptava voluptuosamente

— Vi numa mesa proxima da minha duas raparigas...

os meus olhares. E esse homem chorava.

Compreendi que a minha entrada as contrariou; compreendi que era importuno—e retirei-me. De tarde via-as na praia José Menino; o mesmo homem acompanhava-as, mas, apesar disso, os olhos que os meus procuravam não faltavam á chamada...

No dia seguinte, um grande molho de cravos, cravos de todas as cores que o sol beijava na montra duma florista, ir levar com um cartão meu, a pedir licença para a oferta, um cumprimento matinal.

Quando elas baixaram para o almoço, já eu estava na sala. *Ela* dirigiu-se á minha mesa e colocou na lapela do meu casaco o cravo que trazia na mão.

Trazia outro sobre o colo, mui proximo do logar onde está essa bussola sem rumo definido, que é o coração feminino...

Relacionámo-nos, então. Fui seu companheiro nas horas de praia; fui seu companheiro nos passeios a Guarujá; assisti na mesma frisa aos espectaculos da companhia de Clara Weiss.

O homem que chorava tinha desaparecido—e entre mim e as duas mulheres estabeleceu se a familiaridade.

Conheci a sua vida. Eram uruguaias; haviam sido educadas em Montevideo, mas depois, com a morte da mãe, mudaram-se para a pampa—para uma «estancia» que o pai ali tinha.

Mercedes—não importa o nome verdadeiro, que o meu cavalheirismo manda calar...—resignou-se; era terna, meiga, temperamento passivo, que buscava apenas a tranquilidade dum lar. O mesmo não sucedia, porem, com Rosalia, a irmã mais velha, essa que eu já amava, essa que já me fizera olvidar a minha neurastenia. A sua alma estava cheia de inquietude—de exquisito encanto, de vida nomada. A sua maior aspiração era viajar; percorrer os quatro cantos do mundo, enebriar-se com a musica da distancia infinita. O pai, porem, de educação antiga e caracter autoritario, nunca lhe permitia realisar tal desejo—que para ele não era mais do que um desejo pueril... E Rosalia, de vida livre tinha apenas essas horas em que percorria a pampa sobre um cavalo possante—um cavalo que galopava, até o sol se esconder por detraz da linda casa da planicie incomensuravel. Uma noite, porem, sugestionando a irmã a acompanhal-a Rosalia fugiu.

Em Montevideo levantara a parte que lhe cabia na herança materna—e partira depois para o Rio de Janeiro. Agora, de Santos iria á Argentina e «depois... depois... não sabia ainda para onde!»

O homem que eu vira chorar era o

as horas em que percorria a pampa...

pai... Sabendo que elas se encontravam alí, vencera o seu orgulho e viera pedir-lhes que regressassem, que ele, no ano seguinte, transigiria, acompanhando-as nessa longa viagem que Rosalia desejava fazer. Ela, porem, não se submeteu.

— Que sim, que voltaria—disse-me—mas quando ele estivesse bem castigado, quando o regresso dela fosse tomado como vilegiatura... Agora, porem, iria percorrer o mundo...

* * *

Falavamo-nos muito. Das pequenas confidencias passámos ás grandes sinceridades. E eu disse-lhe da minha ideologia, das minhas rebeldias, da minha atitude perante todas as formulas—as formulas da sociedade e as formulas do amor...

E ela cumulou-me de alegria, transformou o sonho em realidade, ao dizer-me:

— Penso da mesma maneira. Livres! Livres!

Como chegámos aquele concerto? Como foi possivel a tão ideal proposta? Miriades de pormenores, de detalhes psicologicos, que não caberiam aqui e muitos dos quais já foram olvidados, devem ter preparado a extraordinaria, a novelesca declaração—a mais bela de toda a minha vida.

—Sou maior! Sou livre!—disse-me Rosalia.—Não preciso de si. Sou rica, e se um dia me quizer casar, não me faltarão maridos... Venha, portanto. E quando a mim ou a si chegar o tedio, separar-nos-hemos amigavelmente, sem scenas violentas, sem queixumes, sem drama...

A's mulheres devo quasi que só desilusões e muitos dos mais desesperados momentos da minha agitada juventude; mas Rosalia, só com aquelas palavras, tornou-me feliz.

Era assim que eu tinha sonhado a mulher—a minha mulher.

* * *

Mas... e o meu regresso a Portugal? Esse bilhete que eu tivera no bolso e essa aldeia que me fascinava desde longe—essa aldeia cujas arvores, fontes e caminhos percorridos na minha infancia constituiam a grande obcessão de nove anos de exilio?

E a luta intima principiou. Esses anos de expatriação vinham passar ante a imagem de Rosalia, para um combate de que só eu saia ferido. Ou regressar, vêr a aldeia, ou perder aquela oportunidade que demorara nove anos a chegar e que não voltaria tão cedo; ou partir de novo, para mais longe, ao acaso dum amor nascente.

Só quem esteve exilado sem poder desmoronar as muralhas do exilio pode compreender a força ou nostalgia—pendula que regula todos os grandes actos da vida dos emigrantes.

A aldeia... A Rosalia... Dois extremos em guerra, as minhas duas grandes aspirações de então—mas que então não se podiam fraternisar amplamente.

E a aldeia, porque estava mais longe, tinha para mim maior prestigio. E tornando me verdadeiramente romantico, fascinava-me mais do que a boca rubra de Rosalia.

Dois dias antes da partida não pude resistir mais e fugi para S. Paulo—

(CONTINUAÇÃO NA PAGINA 8)

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA . . .

A historia do pobre Rico...

Formidavel pagina inedita da melhor literatura assinada pelo maior poeta da geração moderna

TUDO quanto nasce traz um dom consigo:
—o Destino... Creiam que é como lhes digo.

Esse bacorinho que nasceu mimado
e que bebeu leite por um *biberon*,
longe do chiqueiro, pois cresceu no lar
como um cão de raça muito delicado,
— foi protagonista, por seu triste dono,
da pequena historia que lhes vou contar.

Mal que teve a cria, de repente, a porca,
— com sua licença, que assim diz o pôvo —
muda, muito aflita, tonta, — estrebuchou
como um condenado sôb o nó da forca,
quiz erguêr-se ainda, estrebuchou de nôvo
e, pesadamente, sôbre o chão, tombou...

Já vos disse ha pouco que era triste a história.
Ouçam-na os orfãos pobres de carinhos,
já que o mal dos outros nosso mal conforta.

Eu, por mim, retenho; vivo de memoria
o grunhir chorado dêsses bacorinhos,
procurando as têtas da marrã já morta!...

Tudo quanto nasce traz um dom consigo:
— o Destino... Creiam que é como lhes digo.

Os leitões, nascidos p'ra correr montado,
para, já na engorda, nédios e crescidos
serem mais cuidados do que a propria malta,
nêsse mesmo dia, que era de mercado,
foram condenados a ser lá vendidos,
porque até aos porcos uma mãe faz falta!...

Sem o leite dela, sem o seu calôr,
— como sustentá-los?... Dava um trabalhão!
Pois do mal o menos: — Todos p'ra o mercado.
Todos, menos um, — porque o lavrador
tambem tinha boca p'ra comer leitão...
Era, mesmo, doido por leitão assado!...

Eis porque da cria foi mandado a casa
um réquinho loiro, quási que sem pêlo;
de focinho chato, sempre a dar que dar;
com dois olhos vivos, quaes carvões em braza,
e tão engraçado que um faminto, ao vê-lo,
não matava a fome... só p'ra o não matar!...

Tudo quanto nasce traz um dom consigo:
— o Destino... Creiam que é como lhes digo.

Ora muito baixo, não nos oiça alguem,
dêvo confessar-vos, antes de mais nada,
que tambem na aldeia, — meu amor primeiro!
nascem muitos filhos que só teem mãe.
Nascem, como os cardos, á beira da estrada:
vivem, como os porcos, dentro do chiqueiro...

Pois um dêsses tristes, — desgraçado fruto
talvez dum perjurio, dum crime, talvez! —
fôra, ha sete anos, colocado á porta
do rico e bondoso lavrador, — de luto
pesado e recente, porque havia um mez
chorava o desfêcho duma esperança morta!

Sim: — chorava um filho, — réstea do sol nado
dentro do seu peito, morto já tambem!...

. . . *e pesadamente, sobre o chão tombou*

E d'olhar parado, sem expressão, sem brilho,
bradou, como louco, vendo o engeitado:
— Deus ouviu-me e, justo, fez dum monstro a mãe,
que foi mãe sómente p'ra me dar um filho!

Tudo quanto nasce traz um dom consigo;
— o Destino... Creiam que é como lhes digo.

E o menino, ao cabo de bem curto espaço
era o rei da casa! Mal que abria a bôca
logo lha fechavam carinhosos beijos.
Foi crescendo sempre com desembaraço,
e passado tempo, fôsse a ideia louca,
via satisfeitos todos os seus dêsêjos...

Chegou, pois, o dia do leitão ser morto.
O menino soube, bateu muito o pé,
e abraçando o bicho que a tremer grunhia,
revelou, chorando, tanto desconfôrto,
fez um tal berreiro que, por minha fé,
ouve quem julgasse que êle é que morria!...

Em resumo: — O réco conseguiu viver.
Têve logo um berço mais que muito bom,
dentro dum caixote todo almofadado,
o nôme de Rico — e era um gosto ver
como ele mamava pelo *biberon*
comprado, ha sete anos, para o engeitado!...

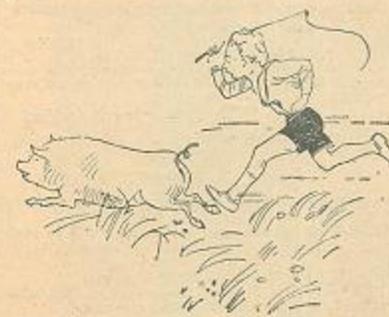
Tudo quanto nasce traz um dom consigo:
— o Destino... Creiam que é como lhes digo.

Foi crescendo o bicho perto do menino,
— isto já se sabe proporcionalmente, —
percorrendo a casa, sempre num virote;
cada vez mais pôrco, muito mais suino...
E, passado tempo, viu-se, finalmente,
que já não cabia dentro do caixote!...

Ora o que é pequêno sempre teve graça.
Mas, depois, sucede como sucedeu
com o pobre Rico: — chêga-se á verdade,
Tudo neste mundo com o tempo passa,
e o menino, em breve, nem sequer venceu
junto do brutinho certa crueldade.

Ele, o pobre pôrco, porque o conhecia,
dava-lhe trombadas... mas devagarinho!...
Talvez fossem beijos lá no seu pensar!
E o menino, em troca, mal as recebia,
de chicote em punho, sem nenhum carinho,
— levantando o braço dava, até fartar!...

Tudo quanto nasce traz um dom consigo:
— o Destino... Creiam que é como lhes digo.

Assim, certo dia, numa negra hora,
— por seu livre arbitrio; sem aviso prévio —,
o menino, altivo, muito prazenteiro,

de chicote em punho, sem nenhum carinho . . .

— chamando um creado que passava fóra,
apontou p'ra o bicho e ordenou-lhe: — "Leve-o."
...E lá foi o Rico parar ao chiqueiro!..

Que alegria doida quando ali se viu!
Eu não sei se um porco, como um racional
lá para consigo sabe rir tambem...
Se assim fôr, o Rico concerteza riu.
Pasmam?!... Mas é justo, mais que natural
que êle, no chiqueiro, se encontrasse bem!

Pois se êle era um porco!... Sem tirar nem pôr,
o seu caso é o mesmo de certas pessôas:
— Julgam enganar-nos, mas é sempre em vão!
Desça até creado quem já foi senhor
mas o inverso, — nada, deixem-se de lôas;
— quem nascer p'ra porco nunca será cão!...

Tudo quanto nasce traz um dom consigo
— o Destino... Creiam que é como lhes digo.

E êsses dias fôram do maior consôlo
para o pobre bruto. Muito chafurdou!...
Deve-se, contudo, duvidar da sorte.
Se êle assim fizesse, se não fosse tôlo,
— não engordaria tal como engordou,
e talvez tão cedo não achasse a morte!...
Sim, que ao vir Dezembro, — por um dia mau
de vento e de chuva — sob o vasto abrigo
dum telheiro, o Rico teve um fim vulgar...
E foi o menino, — co'a colher de pau,
empunhada á láia de um chicote antigo,
quem mexeu o sangue dentro do alguidar...

Tempo decorrido, já o pobre estava
todo feito em nacos dentro do fumeiro,
e ainda o seu nome, como um sol de Maio,
era recordado por quem o provava,
e até p'lo menino, muito lambareiro:
— Oh! que *Rico* lombo!... Mas que *rico* páio!...

Tudo quanto nasce traz um dom consigo:
— o Destino... Creiam que é como lhes digo.

E que ninguem; ninguem tente
o Destino resolver...
Serão trabalhos perdidos.
O que é bom ter presente
que uns nasceram para comer,
e os outros, — p'ra ser comidos.

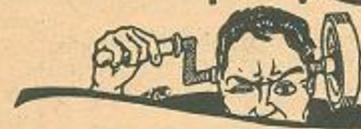
SILVA TAVARES.

NO PROXIMO NUMERO

A MULHER QUE NUNCA EXISTIU

UMA NOVELA DA MINHA VIDA

POR

JOÃO AMEAL

N.º 10 — 2.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE
JOSÉ D'OLIVEIRA COSME
DR. FANTASMA

26 SETEMBRO 1926

Apuramento do n.º 4 (2.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

BAGULHO
N.º 13 — 3 Votos

N.º 2 de MANÉ BEIRÃO . . . . 2 votos
N.º 3 de D. SIMPATICO. . . . . 1 »
N.º 4 de JAMENOAL . . . . 1 »
N.º 1 de AVIEIRA . . . . 1 »
N.º 5 de AFRICANO . . . . 1 »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AFRICANO, D. GALENO, DROPÉ, (todos da T. E.), MAMEGO.
Com 13 decifrações (TOTALIDADE)

QUADRO DE MERITO

JAMENOAL (11), REI MORA (10), AULEDO, LORD DÁ NOZES, D. SIMPATICO (da T. E.) (7).

OUTROS DECIFRADORES

VIRIATO SIMÕES (5), MARIANITA (1)

DECIFRAÇÕES

1—*heliotropo*, 2—*campanudo*, 3—*abalroada*, 4—*chapado*, 5—*fanado*, 6—titere, 7—secar, 8—bacorada, 9—ingrão, 10—acrosephia, 11—eudora, 12—formal, 13—MASCABO.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS

N.os 3, 8 e 11, respectivamente de D. SIMPATICO, MAMEGO e REI DO ORCO, com 5 decifradores cada uma.

DEDICATORIAS

MARIANITA decifrou a charada que lhe era dedicada

LOGOGRIFO

(Ao preclaro confrade «Camarão», *agradecendo o seu* «Testigo»*)*

1
Camarão, Camarão, Camarão,
Charadista *polido* a valer,—3—11—5—1—7
E' daqui, o maior valentão,
Que nos faz, só de susto, tremer!

Ou não fôsse ele um rei nas charadas—6—4—10
Consumado e coberto de glorias,
Quando emprega essas frases danadas,
Arquivadas nas grandes «historias»...

Quem desmente as palavras que eu digo,
Ou *censura* esta justa homenagem,—12—2—13—9
E', decerto, algum mau inimigo
Que não sabe manter a linhagem!

Até *Deus*, lá no ceu, se admira—8—14—2
Dele ser um talento tão cedo,
Porque, inveja, sómente ele inspira,
Isto, aqui, para nós... *em segredo*...

Dafundo — D. SIMPATICO (T. E.)

CHARADAS EM VERSO

2
E' *falta de inteligencia*,—2
Se, porventura, não fôr
Cego pela refulgencia
Do brilhante *sol* do amor—1

Que lhe transtornou a bola
Ofuscando-lhe a razão,
O homem que vae no balão
De casar com *mulher tola*.

Lisboa — BAGULHO

3
Nada ha que mais me apoquente
Que a discordia vêr num lar;
O casal, em luta ingente.
E os filhos,—se os ha,—a chorar.

Não ha inferno igual
Se, mão de ferro, se acanha;
Um *castigo corporal*—1
E', sempre, fim da campanha.

Nem sempre, tambem concordo,
Pois ha «*mulher*» p'ra temer...—2
Uma, se bem me recordo,
Era dura de torcer.

Um dia, p'ra se vingar
Duma mui ligeira tosa,
Deu, ao marido, a tomar
'ma *bebida venenosa*!

Lisboa — D. GALENO (T. E.)

CHARADAS EM FRASE

(Ao ilustre confrade «Vasco Dias»*)*

4 O *mau conselho* é, sempre, dado por um *manhoso*.—2—1

Lisboa — AFRICANO

5 Quando vi *os encontros da abobada*, fiquei tão «*zabumba*» como se ouvisse um *grande estrondo*! —1—2

Cascais — ANELE

6 *Ai! Lá* começa você com o *choro*!—2—1

Lisboa — AVIEIRA

7 *Basta!* Nesta *fonte* encontrei a *medida de farinha que se dava, diariamente, a cada escravo*.—1 2

Lisboa — CALTAR

8 E' *barbaro o* que maltrata um animal indefeso e *triste*.—1—1

Lisboa — JAMENOAL

9 *Até* perdes a *cabeça* quando vês uma *mêsa de jogo*. 1—2

Lisboa — MAMEGO

10 Quem não tem *pena* duma pessoa que não tem *casa* e, na algibeira, nem, ao menos, uma «*moeda*»?—1—1

Castelo Branco — MANÈ BEIRÃO

11 Comer «*peixe*» é o *auge* da *massada*!—2—2

Lisboa — REI DAS FERAS (F. A. F.)

12 Um «*Instrumento de suplicio*», antes de matar, *primeiro maltrata*.—2—1

13 Deixa *passar o primeiro a jogar censura importuna*.—1—1

Lisboa — SATURNO

14 Sinto-me pezaroso porque o «*passaro*» não está bem *naquele logar*; não seria melhor leva-lo para a *casa mui pequena*?—3—1

Lisboa — VIRIATO SIMÕES

15 O *porco* caiu na «*armadilha*» com grande *aprumo*.—2—1

Lisboa — VISCONDE DA RELVA

CORREIO—(Resposta á correspondencia recebida desde 13 até 20 do corrente);

ANELE.—Das charadas que enviou duas não se verificam nos dicionarios que aponta. Foi confusão, certamente.

AFRICANO.—Recebi tudo, Muito obrigado.

SATURNO.—Chegou tudo, sem novidade. São todas aproveitadas, sim, senhor. Obrigado estou eu.

VIRIATO SIMÕES.—Recebi. Pedia a fineza de, para simplificação do expediente, mencionar a votação nas listas das decifrações o que, desde já, agradeço.

JAMENOAL.—No dicionario que indica não é verificavel o primeiro conceito parcial da sua charada que tem como total *poisão*. Queira indicar o livro onde posso indicar o livro onde posso verificar. A charada em verso sai no proximo numero.

DR. FANTASMA

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. Alvaro Coutinho, 17, r/c.—Lisboa.

MUITO IMPORTANTE.—Serão anuladas, *sem distinção*, todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações, não tragam a *votação* do melhor trabalho publicado. Não se restituem os originais.

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

AULEDO, DOIS TORREJANOS, DOIS PRINCIPIANTES, MENINA XO, NOS, PAUSANIAS, RUPECA, SPARTANUS

DECIFRAÇÕES DO N.º 87

HORISONTAIS—1 bata, 2 posta, 3 uivo, 4 agulha, 5 unicos, 6 lua, 7 azimuth, 8 ala, 9 a a, 10 va, 11 dae, 12 b m e, 13 cair, 14 naus, 15 ró, 16 et, 17 atai, 18 gama, 19 d s, 20 ag, 21 trom, 22 capa, 23 aso, 24 ala, 25 f s, 26 r p, 27 agi, 28 virtude, 29 lei, 30 marcar, 31 embuço, 32 aral, 33 abriu, 34 ia or, 35 mar, 36 ceu.

VERTICAIS—1 bala, 2 paz, 3 ni, 13 coart, 25 fama, 28 vá, 29 lua, 36 cá, 37 aguada, 38 tua, 39 al, 40 sim, 41 tua, 42 ica, 43 volveu, 44 o s a a, 45 ha, 46 n h, 47 heroismos, 48 abnegação, 49 airados, 50 matagal, 51 seara, 52 rasgar, 53 pareço. 54 pior, 55 ira, 56 ira, 57 ter, 58 deu, 59 em, 60 el, 61 bi 62 em, 63 ar, 64 mi.

PROBLEMA DE HOJE

Original de DR. FANTASMA.

HORISONTAIS—1 reclamação, 2 bramam, 3 fisgas, 4 travessa, 5 imensos, 6 esculpia, 7 consagradas, 8 mentiras, 9 lapida, 10 mêdo, 11 descair, 12 rua estreita (inv.), 13 aperfeiçôa, 14 imediatos, 15 «nome de mulher» (plural), 16 delicada, 17 «fruto», 18 inquietar.

VERTICAIS—1 fundam, 19 rebordo, 20 comutação de pena, 21 paixão, 22 tostas, 2 doce de uva, 23 competidor, 24 que se pode redificar, 25 aparentas, 26 peculio, 10 sela com lacre, 27 medula (inv.), 28 repetir, 29 possui, 11 multidão de cavalgaduras, 30 cial, 31 acredita 32 nivelar.

A ROSALIA A URUGUAIA

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 8

fugi sem dizer nada no hotel, deixando lá as malas e a minha tranquilidade.

E só regressei quando soube que o vapor que conduzia aquela mulher extranha tinha já abandonado o porto de Santos

Rosalia levava uma carta que eu lhe escrevera de S. Paulo, uma carta em que puerilmente me desculpava de a não acompanhar — a unica carta do nosso amor!

E eu ficava á espera do «Desna», que me devia trazer á Europa — ficava a sentir-me envergonhado de mim proprio...

Rosalia foi a unica mulher ideal que encontrei na minha vida—e perdia-a... Dela não resta para mim senão uma grande, uma densa, uma romantica saudade—dela não resta mais do que os seus anseios de liberdade e vida errante, que procurei fixar em «A Peregrina do Mundo Novo».

FERREIRA DE CASTRO

O DOMINGO ilustrado

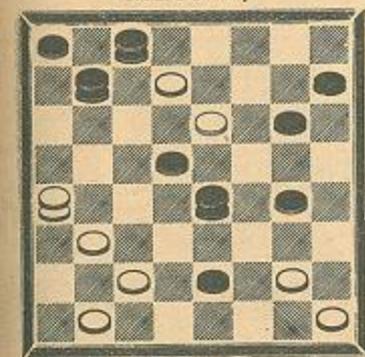
Varia

DAMAS

Solução do problema n.º 87

	Brancas	Pretas
1	20-24	28-19
2	4-8	15-4
3	9-14	22-15
4	3-8	4-11
5	7-16-23-30 (D)	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 88

Pretas 3 D e 6 p.

Brancas 1 D e 7 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 86, os srs. Aleixo Cunha (Coimbra), Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Batista Salgueiro, Carlos Gomes (Bemfica), João Lopes do Rio, Paig, Um principiante (Carvalhos), Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi nos enviado pelo sr. José Carlos Moreira da Silva.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

Barreira de Sombra

Praça de Algés

Com o rotulo de «beneficio do pessoal menor das praças do Campo Pequeno e Algés» realisou-se no domingo, nesta praça, um espectaculo em que foram corridos touros e vacas, garraios e novilhos, tendo sido uma parte da lide desempenhada por amadores que bandarilharam por todas as formas e feitios . . . e a outra parte pela ferra de dez novilhos, quasi de meia edade . . .

Uma das fases mais importantes do espectaculo foi a lide de cavalo, por José Casimiro Gomes, que farpeou, com muita arte, um touro dificil, preparando acertadamente as situações para a boa execução do seu trabalho, bastante aplaudido.

A estrela do grupo de forcados, composto de funcionarios superiores da Camara Municipal de Lisboa, (1.os, 2.os e 3.os oficiais) não foi infeliz, porque os novels pegadores, embora tivessem mostrado poucos conhecimentos do *metier*, comprovaram a sua grande valentia, sobresaindo os snrs. Rodrigo Joaquim Calçada e Alvaro Hipolito Magarinhas, muito especialmente o segundo, que recebeu uma esfusiante ovação pela forma decidida e possante como pegou, quasi sem ajudas, uma rêz que tinha excelencia . . .

Houve mais um intermedio por uma preta, que executou a sorte de «D. Tancredo», desempenhando as suas funções muito serenamente e sem receio, num pedestal que se transformou em cavacos, quando o bezerro avançou.

Dois minusculos amadores de 10 a 12 anos passaram de capote e cravaram alguns ferros, com muita aficion, num novilho um tanto bravito. Incansavel em toda a lide, auxiliando com bastante inteligencia, o profissional Antonio de Carvalho.

A concorrencia encheu quasi meia casa.

ZÉPEDRO

EXPEDIENTE

A. E. MACHADO — PORTO. — Aguardamos a sua direcção para respondermos.

Como nasceram as grandes praias

TEEM uma historia burgueza, um pouco vexatória para o seu actual perfil aristocratico, quasi todas as praias da moda, essas praias que regorgitam, nêste momento, de milionarios e

Sobre uma instavel prancha de madeira, vai-se deslizando ao sabor das ondas, até vir o inevitável e divertido mergulho.

principes de sangue, das artes e das letras. Um célebre humorista de há vinte anos dizia que, para fazer uma praia chic, bastava: um pintor; tres pintores; dez pintores; um escritor; cinco jornalistas; um espectador; a multidão.

Foi Alexandre Dumas quem lançou Trouville que, em 1834, era um minúsculo porto de pesca. Nêsse ano, os habitantes da praia viram chegar a cavalo no pescoço de um marinheiro, vindo ás gargalhadas, e com os sapatos na mão, um homem sem nada de especial... Era Alexandre Dumas, que acabava de descobrir Trouville! Só havia lá, então uma pobre hospedaria, dirigida pela *tia* Oseraie. Dumas perguntou-lhe a diaria que teria de pagar e travou-se este dialogo, já espantoso mesmo para o tempo.

— "Quero saber quanto me leva por dia.

— "E pela noite, não quere saber?"

— "Dia e noite, é claro!

— "Há dois preços: para os pintores é quarenta *sous*.

—"Mas quarenta *sous*, como? Porquê?

— "Para comer e dormir."

"Ah! quarenta *sous*! E quantas refeições?"

—"Quantas quizer! Duas, trez, quatro, sempre que tiver fome! Ora essa! E o senhor é pintor?

— "Não!

— "Ah, então são cinquenta *sous*.

E agora, eis o *menu* da primeira refeição que foi servida ao autor do «Trez Mosqueteiros»:

Potage (salade de crevettes)
Cotelettes de pré salé
Soles en matelote
Howard en mayonnaise
Bécassines rôties
Fruits
Cidre à discrétion

E'fantastico, simplesmente. Hoje, nem com dez vezes os cinquenta *sous* que Dumas pagava por comer, beber e dormir se pagaria só o primeiro prato deste pantagruélico almoço. Nas suas novelas e artigos, o escritor fez logo a maior propaganda da praia que, graças a êle e aos pintores Isabey e Charles Mozin, célebre autor de marinhas, se tornou o que hoje é: uma estancia de verão com sumptuosos hoteis, casinos, palácios, etc.

Deauville, a praia aristocrática por excelencia, visinha de Trouville, foi posta em voga pelo duque de Mormy, Petrónio das elegancias no segundo império, e logo caiu em gôsto pela inauguração do seu explendido campo de corridas de cavalos.

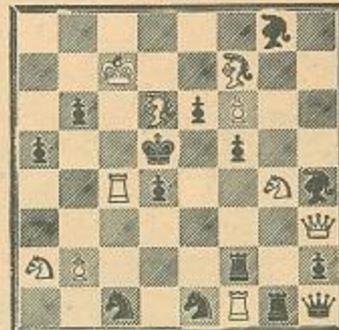
A imperatriz Eugenia deu origem á fortuna de Biarritz que, dum dia para o outro, começou a fazer concorrencia ás praias normandas e que, pela sua situação fronteiriça, passou a atrair uma concorrencia consmopolita. Hoje, Biarritz regorgita de milionarios e artistas, vendo-se de manhã e ás tardes o marajah de Ryjupla a tomar o seu *cock-tail* nos *bars* da moda, lado a lado com principes europeus, com actrizes francezas, com diplomatas espanhois.

XADREZ

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 88

Por H. Labone

Pretas (14)

(Brancas (10)

As brancas jogam e dão mate em tres lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 86

1 T. 4 T, R × T
2 R. 4 B, P 4 C +
3 R. 3 B, P 5 C +
2 R. 4 B, P 5 C
5 P. × P mate

Resolveram os srs.: Nunes Cardoso, Vicente Mendonça e Maximo Jordão.

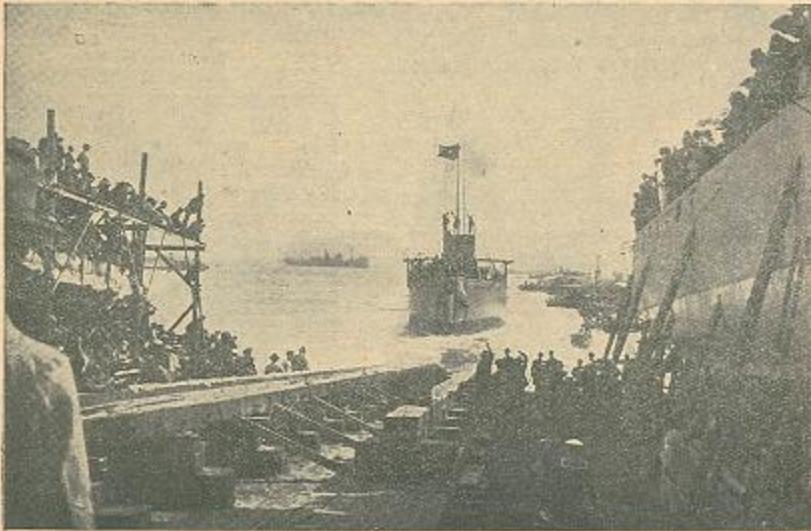
NOTA. — O problema de hoje é talvez o mais dificil que se tem publicado nesta secção. De moldes romanticos, com variantes que são verdadeiras girandolas de fogo de artificio, a beleza das combinações compensará os senhores solucionistas do esforço que o seu estudo lhes poderá exigir.

Villers, praia visinha de Deauville, alvo obrigatório de centenas de excursões automobilistas diarias, data apenas de 1850, ano em que um arquitecto de Paris, o snr. Pigeory, ali comprou uns cem mil metros de terreno. Pitre-Chevalier, director do *Musée des Familles*, e o escritor Alphonse Karr foram os primeiros parisienses a instalar-se em Villers, que em prosperidade lhes deve bastante. Benzeval e Houlgate teem uma origem identica a esta.

Como se vê, nasceram humildemente estes actuais paraisos, quási que só acessiveis a nababos e a *snobs*, onde passeiam os proprietarios de grandes minas de brilhantes e actrizes cobertas de joias, onde se estão exibindo, este ano, brilhantes, perolas e esmeraldas, como nunca se viram.

Os principes Maria Francisca, Afonso e Cristiana de Hohenlohe, brincando na praia de Santander

Actualidades gráficas

MAIS UM NAVIO DE GUERRA

Lançamento da canhoneira «Damão» ao Tejo, com o cerimonial do costume

HENRIQE UROLDÃO DE NOVO ENTRE NÓS

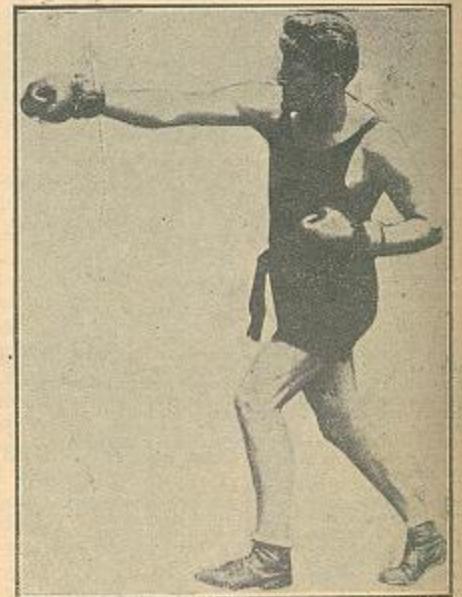
O momento de pisar de novo a «terra de cá»... Laura Costa tambem volta...

O BOX MUNDIAL

Jack Dempsey que perdeu o titulo de campeão esta semana

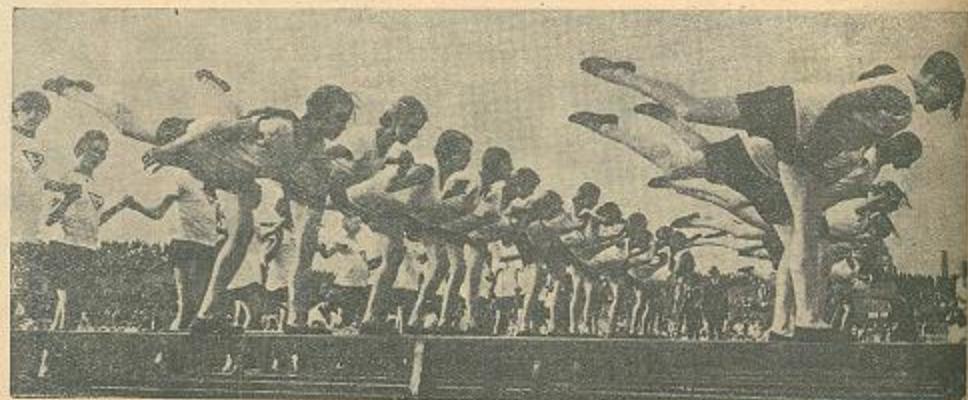
JÁ NÃO CAEM OS AEROPLANOS

Pára-quedas para aeroplanos, do americano Doucett

O BOX MUNDIAL

Gene Tunney que ganhou o titulo de campeão esta semana

COMO SE FAZ O CINEMATOGRAFO MODERNO

Um desastre de caminho de ferro feito expressamente para um film americano

A GINASTICA ESCOLAR

Parada ginastica de alunas duma Faculdade de Letras alemã

PUBLICIDADE

Deite os remedios fóra

PARA TER SAUDE, BEBA SÓ

Aguas de Castelo de Vide

a melhor agua medicinal de mesa em garrafões de 5 litros
Alivio imediato nas doenças de

Estomago, Intestinos e Figado

Pode ser tomada com vinho ás refeições como excelente bebida

Empreza das Aguas Alcalinas Medicinaes de Castelo de Vide

RUA DO ALECRIM, 73

Tel. 4166 C. DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICILIOS

PEÇAM

ESTRELLA

A melhor

das cervejas

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

BÉBÉS ASSIM só se obtêm dando lhes a «LINFATINA»—Nobre Sobrinho.
DEPOSITO

Grande Ourivesaria Joalharia
DE
JOAQUIM NUNES DA CUNHA
Rua da Palma, 100 a 106 e Rua Martim Moniz, 27
Telefone N. 2924

Grande e variado sortimento de joias em todos os estilos, antigas e modernas com ou sem pedras preciosas e pratas artisticas, que vende barato. Compra por alto preço, brilhantes grandes, esmeraldas, safiras e rubis orientaes e perolas. Moedas antigas em ouro e prata. Cautelas dos Montepios Geral e Comercial, e tudo que seja antigo na Ourivesaria. — CUNHA DAS ANTIGUIDADES.

Por 7$500

Pode rir durante duas horas lendo o livro de contos comicos

O Cego da Boa Vista

BARROS & SANTOS

RUA DO OURO, 234 A 242

ENORME SORTIDO DE
ARTIGOS DE CAMISARIA
TECIDOS DE ALGODÃO E SEDA
ATOALHADOS, MALAS
E ARTIGOS DE VIAGEM
CHAPELARIA, ETC., ETC.

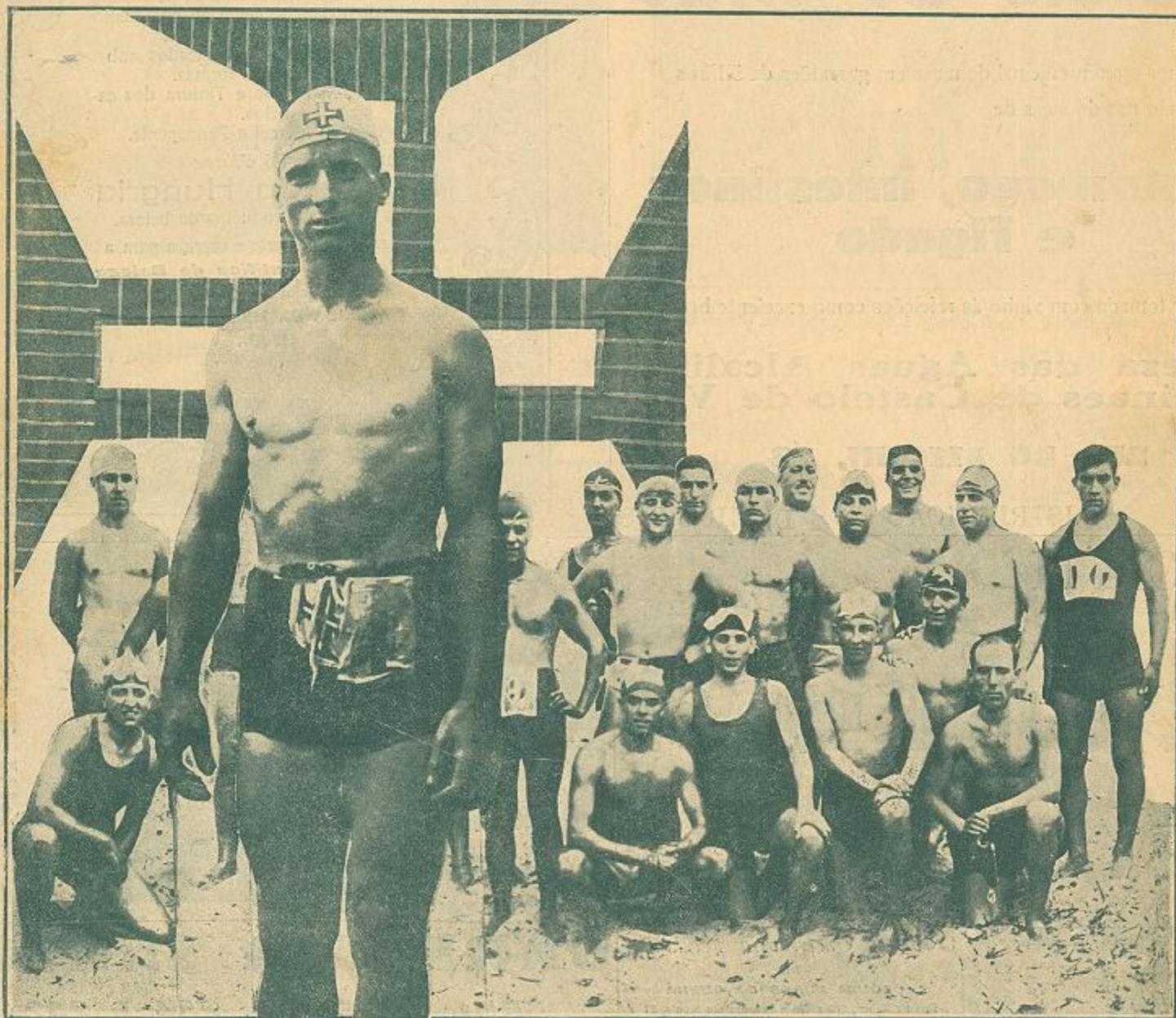
SALDOS DE FIM DE ESTAÇÃO

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.

Um grande triunfo de "Os Belenenses"!

Marques, que pela 1.ª vez concorre á prova da travessia do Tejo a nado, consegue a vitoria para a Cruz de Cristo. Os seus competidores na grande prova.